



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

“Se esta geração não se salvar, a minha já está condenada”, segredava-me uma doce velhinha a propósito de um anúncio feito na sua Comunidade acerca de umas jornadas formativas. “Hoje é tanta coisa: tanta catequese, tantas jornadas, colóquios e seminários, é mais um encontro, mais um ano disto e daquilo e depois?”. Tal como na conversa com a dita senhora, fica a questão, e mais que a questão, fica a preocupação desafiante. São sementeiras carregadas de esperança!

Realmente, muita “semente” tem sido lançada ao longo dos mais de dois mil anos de presença da Igreja no mundo, “carradas” de sementes. Haja esperança porque terra não nos falta e a sara continua a ser grande!

A parábola é de um semeador, de uma semente e de terra, de muitas “terras”.

O semeador não é dono da semente: é enviado a lançá-la e é-o não porque tem muitas e boas sementes mas pelo facto de a lançar: Não é professor ou educador quem tem muitos conhecimentos mas quem transmite o que sabe e, sobretudo, quem vive o que conhece. Não é bom cristão aquele que sabe muito de Deus mas não é capaz de vivê-Lo e, pela vida, transmiti-Lo aos outros como feliz notícia e boa nova de salvação. Isso, sim, é sementeira!

A tarefa e missão da semente é dar fruto! É curioso que a semente vem de uma produção anterior: ela é produto de outras sementes! A vida provém da própria vida e quanto mais vida a vida for, mais vida vai florescer, mais vida vai gerar, mais frutos vão surgir, porque a vida só pode gerar mais vida. E se o semeador é para lançar sementes, se a semente é para frutificar, à terra cabe a missão de acolher a semente e dar-lhe razões e oportunidades de frutificar.

Não há terrenos bons e menos bons: há sim, terrenos preparados e não preparados, terrenos trabalhados e por trabalhar. Por melhor que seja o terreno se não for trabalhado produz pouco ou produz mal. Há falta de trabalho!

Da parábola todos fazemos parte, porque todos semeadores, todos sementes, todos terreno. E semear é sempre um risco... mas quem não semeia não colhe! Mas não se pode semear por semear; mais que uma ocupação, ou outra coisa parecida, trata-se de uma vocação, de uma forma de ser e de estar. E que sementes queremos lançar? O terreno é desafiante. Carecemos conhecer que terra pisamos e em que terra lançamos a semente. Semeamos hoje o que queremos colher amanhã.

O semeador da parábola lançou a semente, independentemente do resultado que provinha da sementeira, mas temos de ir mais além que aquele semeador: precisamos analisar a terra antes de lançar a semente: retirar pedras, espinhos, abrandar durezas, aliviar sofrimentos, promover a disposição e pré-disposição para acolher a semente. Isso dá trabalho! Não precisamos lançar sementes de ervas daninhas: a terra encarrega-se disso, os pássaros e o vento disso tratam. Não podemos passar a vida a criticar a terra por isso ou por aquilo ou simplesmente estar a evidenciar o negativo e o mau da própria terra. Já nos cansam desculpas para tudo e para todos, desculpas que, em abono da verdade, muitas vezes só servem como paliativo para as dores de cabeça provocadas por uma inércia preocupante, por uma falta de criatividade acutilante e por um acomodar-se ao “não querem nada”! O “terreno” não desculpa tudo!

Não falta semente! Terreno, muito menos! Se calhar estamos é a perder o jeito de lançar a semente. E se fores tu a semente?

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

XV DOMINGO DO TEMPO COMUM

Ano A

1ª Leitura

Isaías 55, 10-11

«A chuva faz a terra produzir»

2ª Leitura

Romanos 8, 18-23

«As criaturas esperam a revelação dos filhos de Deus»

Evangelho

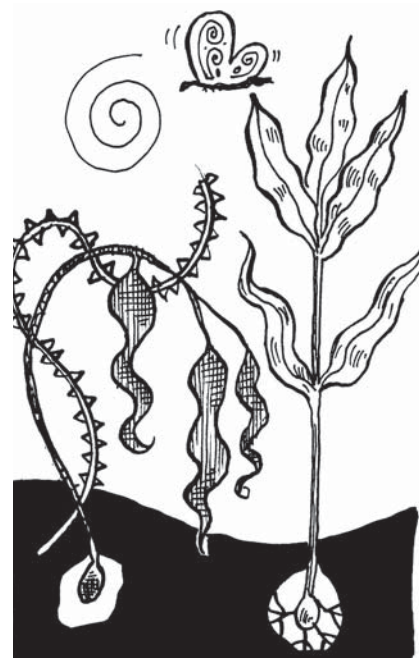
São Mateus 13, 1-23

«Saiu o semeador a semear»

A Palavra do Senhor deste 15º Domingo do Tempo Comum convida-nos a tomar consciência da importância da Palavra de Deus e da centralidade que ela deve assumir nas nossas vidas.

A primeira leitura garante-nos que a Palavra de Deus é verdadeiramente fecunda e criadora de vida. Ela dá-nos esperança, indica-nos os caminhos que devemos percorrer e dá-nos o ânimo para interirmos no mundo. É sempre eficaz e produz sempre efeito, embora não actue sempre de acordo com os nossos interesses e critérios.

O Evangelho propõe-nos, em primeiro lugar, uma reflexão sobre a forma como acolhemos a Palavra e exorta-nos a ser uma “boa terra”, dis-



ponível para escutar as propostas de Jesus, para as acolher e para deixar que elas dêem abundantes frutos na nossa vida de cada dia. Garante-nos também que o “Reino” proposto por Jesus será uma realidade imparável, onde se manifestará em todo o seu esplendor e fecundidade a vida de Deus. A semente que caiu em terrenos duros, de terra batida, faz-nos pensar em corações insensíveis, egoístas, orgulhosos, onde não há lugar para a Palavra de Jesus e

para os valores do “Reino”. A semente que caiu em sítios pedregosos, faz-nos pensar em corações inconstantes, capazes de se entusiasmarem com o “Reino”, mas incapazes de suportarem as contrariedades, as dificuldades, as perseguições. A semente que caiu entre os espinhos e que foi sufocada por eles, faz-nos pensar em corações materialistas, comodistas, instalados, para quem a proposta do “Reino” não é a prioridade fundamental. A semente que caiu em boa terra e que deu fruto abundante faz-nos pensar em corações sensíveis e bons, capazes de aderirem às propostas de Jesus e de embarcarem na aventura do “Reino”. Este é o quadro ideal do verdadeiro discípulo; e é esta a proposta que o Evangelho de hoje me faz.

A segunda leitura apresenta uma temática (a solidariedade entre o homem e o resto da criação) que, à primeira vista, não está relacionada com o tema deste Domingo - a Palavra de Deus. Podemos, no entanto, dizer que a Palavra de Deus é que fornece os critérios para que o homem possa viver “segundo o Espírito” e para que ele possa construir o “novo céu e a nova terra” com que sonhamos.

SABIAS QUE...



... o Matrimónio é um dos sete sacramentos da Igreja?

O Matrimónio é um dos sete sacramentos instituídos por Cristo e, quando se recebe com as devidas disposições, confere a graça - uma ajuda sobrenatural - para ser cristãmente vivido, na medida e com o entendimento que os sacramentos são sinais sensíveis e eficazes da graça, instituídos por Jesus para nos santificar, naquele que é o Seu convite e desafio, a todos nós, de sermos santos.

Segundo a tradição latina, os esposos conferem um ao outro o sacramento do matrimónio ao declararem o seu consentimento, perante um ministro da Igreja, sendo, por isso, neste sacramento, os próprios esposos a serem os ministros do mesmo.

O sacerdote, que assiste à celebração do matrimónio, recebe o consentimento dos

esposos em nome da Igreja e dá a bênção desta, sendo a sua presença, em conjunto com as testemunhas, a demonstração visível de que o Matrimónio é uma realidade eclesial. Neste sentido, a Igreja orienta, habitualmente, os seus fiéis, para a forma eclesial da celebração do matrimónio, uma vez que é um sacramento litúrgico devendo, por isso, ser celebrado, publicamente, na liturgia da Igreja; origina direitos e deveres na Igreja entre esposos e para com

os filhos; é um estado de vida no seio da Igreja sendo necessária a certeza da sua celebração, nomeadamente a existência de testemunhas; e torna público o consentimento demonstrado pelo “sim” dos esposos ajudando à permanência do respeito e fidelidade mútua dos mesmos.

Assinala-se que, para uma vivência mais plena deste sacramento, o mesmo seja precedido pela recepção do sacramento da reconciliação, recebendo, depois, com o sacramento do Matrimónio, o Espírito Santo como Comunhão de amor de Cristo e da Igreja sendo o Espírito Santo selo da aliança dos esposos, fonte sempre generosa do seu amor e força com que se renovará a sua fidelidade.

Saibamos pois, aqueles que são chamados a viver a vocação matrimonial, a vivê-la plenamente e como reflexo do Amor de Jesus, fazendo do matrimónio projecto de vida cristã na formação das nossas famílias e no nosso caminho para a santidade.

POR CÁ

Lançado III Volume da Revista Fórum Teológico XXI

Ao longo de mais de 200 páginas, o terceiro volume da revista Fórum Teológico XXI, editada pelo Seminário Episcopal de Angra, este ano, reúne vários textos que reflectem sobre a “Arte, expressão que transcende”, tema que animou as III Jornadas de Teologia dos Açores no ano passado.

A revista deveria ter sido publicada no âmbito das quartas jornadas de Teologia, que se realizariam em Março deste ano, e que foram canceladas devido à pandemia da Covid-19.

A publicação, que chega agora às bancas, está à venda nas livrarias da Diocese, em Ponta Delgada e Angra do Heroísmo, começa com o editorial do Reitor que deixa o itinerário deste trabalho, dividido em duas partes distintas. A primeira reúne as conferências dos intervenientes nas jornadas e na segunda, trabalhos de investigação desenvolvidos por professores e convidados da instituição.

Este número começa com uma explicação da exposição criada no âmbito das Jornadas por Marta Bretão, professora de Arqueologia e Arte no Seminário, e prossegue com a intervenção do Bispo de Angra, D. João Lavrador, sobre o tema “Arte e Teologia”.

A revista prossegue com um texto do padre Joaquim Félix de Carvalho, professor e investigador de Liturgia na Faculdade de Teologia da Universidade Católica, com o tema “Via sapiencial das artes na liturgia: desafios contemporâneos”. O Padre Cipriano Franco Pacheco, Professor de Filosofia no Seminário, é outro dos nomes presentes nesta edição com o tema “Esté-

tica e Mística em São Tomás de Aquino. O padre Alexandre Palma, Professor e Investigador na Faculdade de Teologia da Universidade Católica, apresenta o tema “Estética e Teologia. Contexto, fundamentos e desafios”, no qual desafia o leitor a repensar a referida relação. Finalmente, Sandra Costa Saldanha, directora do Secretariado Nacional para os Bens Culturais da Igreja, partilha com o leitor os desafios de comunicação e envolvimento das comunidades em relação ao Património eclesial. Desenvolve a ponderação de novos caminhos, no processo de comunicação, partilha e usufruto dos Bens Culturais da Igreja, mas também a sua efectiva colocação ao serviço das comunidades e da missão que lhe está confiada.

Na segunda parte desta edição, a revista apresenta dois estudos distintos. O Padre Teodoro Medeiros, doutorando em Teologia Bíblica guia o leitor até ao mundo especializado da exegese bíblica, através do método da leitura narrativa, com o tema: “Um terreno exegético por explorar: a abordagem linguística de Alain Rabatel à categoria de ponto de vista”.

Finalmente, destaque para o contributo do canonista, Cónego João Maria Mendes, chanceler da Cúria, através do estudo “90.º aniversário dos Pactos Lateranenses e da criação do Estado da Cidade do Vaticano”. A última parte da revista remete para a vida do Seminário, com uma especial referência, em jeito de homenagem, ao testemunho e legado que foi a vida de Monsenhor José Nunes, professor emérito do Seminário que faleceu precisamente na véspera das jornadas do ano passado.

POR LÁ

Vaticano presta homenagem a Ennio Morricone

O Vaticano assinalou na passada Terça-feira a morte do maestro e compositor italiano Ennio Morricone, falecido na noite anterior aos 91 anos de idade, destacando a sua capacidade de “expressar o inefável e o invisível: “Todos nós devemos ser gratos a Ennio Morricone, crentes e não crentes, mas sobretudo os crentes da sua confissão, por ter sido capaz de expressar o inefável e o invisível ao mesmo tempo que são a alma da religião”, referiu o presidente do Conselho Pontifício da Cultura, cardeal Gianfranco Ravasi.

Galardoado com dois Óscares – um honorário, em 2007 e, em 2016, pela banda sonora do filme “Os oito odiados”, de Quentin Tarantino – Morricone faleceu “com o conforto da fé”, refere

uma nota enviada à imprensa.

O compositor recebeu em 2019 a medalha de ouro do pontificado, por decisão do Papa Francisco, reconhecendo o seu “extraordinário compromisso artístico, que também possuía aspectos de natureza religiosa”.

O cardeal Ravasi evoca um homem de fé, que tinha uma “dimensão espiritual e religiosa” na sua música, visível, por exemplo, na banda sonora do filme “A Missão” (1986).

“A música é, de certa forma, a linguagem da transcendência, a linguagem que conta o mistério. Mesmo quando fala secularmente, a sua beleza é algo que nos conduz passo a passo em direcção ao eterno. É o infinito”, acrescentou.



ENTRE NÓS...

“Nós amamos porque Ele nos amou primeiro”



A palavra matrimónio tem origem etimológica no latim *matrimonium*, relacionado com mãe- “manter” e *monium* associado a um ritual. O matrimónio é um dos sete Sacramentos, e deste modo é caracterizado pela acção divina no ser humano.

Sabemos que o matrimónio se refere à união de duas pessoas legalizado por processos e cerimónias religiosas e civis. Mas o que é verdadeiramente o matrimónio? O que significa para nós este precioso Sacramento? Será que, por vezes, confundimos a sua verdadeira essência? Como todos os

Sacramentos, o matrimónio deve ser encarado e vivenciado como uma entrega plena, tendo como alicerce o sentimento mais puro transmitido por Deus: o amor! Por vezes, somos questionados, quando se referem às vocações como algo religioso, porém o casamento é também uma vocação.

No matrimónio são partilhadas alianças que simbolizam o “pacto” realizado entre o casal, a união, a cumplicidade e a fidelidade. Podemos estabelecer uma analogia entre as alianças e a vida em casal, como são circulares, mesmo que a vida se transforme num círculo retoma sempre

ao ponto inicial que é a união familiar e o aconchego do lar.

Considero este vínculo emocional e espiritual, a descoberta mais pura e autêntica da minha vida, pois é nele e através dele que sinto e vivo em pleno a minha fé e a minha vocação, sendo através do processo de fazer aquele que amo feliz, que esta união se torna verdadeiramente divina. É na vivência matrimonial que constatamos o desenvolvimento pleno das nossas capacidades enquanto casal e enquanto indivíduos. No verdadeiro amor, nenhum membro do casal perde a sua essência, pois numa relação onde está patente o respeito, a confiança, a igualdade e a comunicação ambos se sentem livres e realizados. Como um pássaro que quanto mais alto voa, mais avista, no matrimónio quanto mais ajudarmos o cônjuge a “voar”, mais alcançamos enquanto casal.

O Evangelista João (4:19) refere que “Nós amamos porque Ele nos amou primeiro”, sendo que é no matrimónio que Cristo exprime o seu amor “esposal” pela Igreja. Assim sendo, o amor entre um casal é o reflexo do amor de Deus e deverá, portanto, ser um “sim consciente” perante Deus e os que mais amamos. Isto não significa que a pessoa que amamos seja

desprovida de aspectos que desgostamos, mas quando amamos verdadeiramente vemos com coração e com a alma e a compreensão atinge um nível mais profundo. Contudo, temos que estar conscientes que o matrimónio é constituído por diferentes fases e transições nas quais estão patentes momentos difíceis, sendo também estes que fortalecem a relação e nos quais sentimos que Jesus nos envolve e auxilia.

Agradeço profundamente a Deus a vivência matrimonial com a qual fui abençoada e o homem e pai maravilhoso com quem partilho esta união, pois faz-me querer ser mais e melhor todos os dias da minha vida, assim como, os dois seres humanos maravilhosos que nasceram deste matrimónio e que enchem os nossos dias de luz e completam a nossa vida.

Considero Jesus Cristo o “motor” matrimonial, o casal o “veículo” e o amor o “combustível” inesgotável. “O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” Coríntios 13:6-7.

Bem hajam a todos e em especial aos que vivem diariamente este fascinante desafio que é o matrimónio.

Maria Rodrigues Terra